Revista Militar, II Século, ano 23, nº 2-3, fevereiro-março/1971, pp. 80-108

RECONQUISTA CRISTÃ DA PENÍNSULA IBÉRICA

6 — CONQUISTA DO REINO DE GRANADA

(1246-1492)

Brigadeiro
J. A. DO AMARAL ESTEVES PEREIRA

I — ORIGENS DO REINO DE GRANADA

Contra o domínio de Muhammad ibn Hud al-Mutawakkil, que se apoderou de MURCIA e, de ali de quase toda a ESPANHA mussulmana, se levantou, em ARJONA, sua sede, o fundador da dinastia *nazarí*, Muhammad ibn Yussuf ibn Nasr, descendente da Saa ibn Obada, um dos companheiros e apóstolos de Mahomet. De ARJONA, apoderou-se de JAEN [1], a seguir de SEVILLA, nomeando para governador desta cidade Abu el Bechi.

Um filho deste Yssuf, Muhammad I al Galibbillah (1232-1273) pode-se considerar *o verdadeiro primeiro rei mouro desta dinastia nazarí*, que verdadeiramente foi a dinastia dominante de GRANADA e que havia de terminar,

---

[1] Aconselha-se o leitor a seguir a descrição por uma boa carta de ESPANHA.

em 1492, com a queda do poderio de Boabdil (Muhammad XI Abu Abd-Allah), último rei desta praça e deste reino.

Mas, já em 1246, o rei S. Fernando (Fernando III de CASTELA e LEÃO) sitiou JAEN, que se lhe entregou por acordo, de que Ibn-al-Ahmar, seu alcaide, auxiliaria S. Fernando nas suas futuras reconquistas e, a partir desse momento, houve acordo na questão dos limites desse território, a que pertencia JAEN; então, como compensação, formou-se um novo reino, o de GRANADA, *que, afinal, foi assim delimitado e criado, verdadeiramente, por auxílio e inspiração de S. Fernando, em 1246.* «Os motivos para este prudente modo de proceder do Rei de CASTELA, crê Prieto Vives, historiador espanhol, eram a grande dificuldade de operar militarmente no território de GRANADA, sobretudo com gente que não estava de bem com o novo senhor Ahmar e, além disso, o desejo de uma rápida consolidação dessa extensa conquista já feita na ANDALUCIA». Assim, inicialmente, Ahmar governou o nascente reino sob a suzerania de Fernando III. Quando, passados uns anos, os Mussulmanos dos territórios ocupados já pelo Rei Santo, pediram auxílio a Ahmar, este viu-se em sérios apuros por não poder fàcilmente romper o pacto com aquele, mas o seu dever de mouro chamava-o à rebelião contra o Cristão e a ajudar os seus carrelìgionários. Então o «nazari» e seus conselheiros optaram em actuar como Mussulmanos que eram; rebelaram-se, anulando, assim, o pacto feudal, ganharam a independência do seu estado, mas, a partir desse momento, morto já S. Fernando, ficaram com um inimigo de não menos ralor, Afonso X, el Sábio, que, de ali em diante, acolheu todos os descontentes granadinos e que, de futuro, lhes havia de fazer a vida muito difícil ...

Afonso X, nas suas vastas conquistas, teve várias lutas com este novo Reino, até que Jaime I, el Conquistador, terminou, com um tratado, em 1266-1272, com GRANADA, essas lutas e trouxe a paz, por então. Mas isto foi por pouco tempo ...

II — SALADO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Num artigo anterior, desta Revista, descrevemos, apesar de sucintamente, esta memorável batalha. Nela entrou, aliado ao grande chefe Marroquino Abu-el-Hassan, que comandava o grande exército Benimerine, de cerca de 200 000 h., o rei de GRANADA, Mohamed II, que vencido, fugiu para ALMERIA e, depois, para a sua corte em GRANADA, cidade. Mas o seu poder e prestígio ficaram muito abalados.

Alfonso XI, «el Onzeno», depois da batalha, em que, recordemos, se cobriu de glória o nosso D. Afonso IV, o Bravo, seu sogro, que, verdadeiramente venceu e pôs em fuga o de GRANADA, el Onzeno, diziamos, compreendeu logo que algo restava por fazer, porque enquanto os Benimerines tivessem livre passagem pelo ESTREITO, o risco de uma nova invasão subsistia latente, e o que era preciso fazer, antes de mais nada, era evitar o passo pelo referido ESTREITO — via marítima que separa a PENÍNSULA do Norte de ÁFRICA. Decidiu, então, apoderar-se de todo o litoral, junto a TARIFA, zona em que se deu a memorável batalha, empreendendo uma séria campanha, de que foi um brilhante episódio a tomada, em seguida, de ALGECIRAS, que, segundo Benavides, *«é um dos mais memoráveis acontecimentos da porfiada contenda entre Mouros e Cristãos, no largo prazo de setecentos anos!»*

ALGECIRAS rendeu-se depois de 20 meses de cerco em 26 de Março de 1344; nela morreram muitos Mouros e muitos Cristãos, entre estes, o célebre «Braço de Ferro», Juan López de Salazar, de 103 anos de idade! A seguir rendeu-se GIBRALTAR, mas, no cerco desta praça, declarou-se a peste, que depois vitimou o «Onzeno», em 27 de Março de 1350, aos 39 anos de idade. Se tivesse vívido um pouco mais, seria este rei que terminaria a Reconquista, que, afinal, estava guardada para Fernando de ARAGÃO, o Rei Católico e para Isabel de CASTELA, sua mulher, em 1492, com mais de 1 século de atrazo!...

Mas, o «Onzeno», ainda assim, deixou pràticamente cortadas, quase em absoluto, as relações entre GRANADA e o Norte de ÁFRICA. De aí em diante as comunicações foram sempre muito difíceis e precárias. E isso teria uma influência decisiva no seguimento da vida desse Reino Mouro, que, de aí em diante, entrou em franco declínio.

Ainda, acerca do cerco de ALGECIRAS, atrás referido como um dos mais brilhantes feitos militares no período de setecentos anos, diz D. Luis Suarez, «que foi iniciado em Agosto de 1342, como consequência lógica da batalha do SALADO, segundo o pensamento e a estratégia de Alfonso, el Onzeno e foi uma das operações mais famosas em toda a EUROPA, durante o Século XIV. Ali estiveram combatendo: ingleses, como Henrique de LANCASTER, Conde de DERBY e franceses, como Felipe de EVREUX, rei de NAVARRA, que morreu no cerco, sem distinções, nem rivalidades. Econòmicamente contribuiram: o Papa, a FRANÇA e PORTUGAL. Pela primeira vez se empregou sistemàticamente, a artilharia, que já se podia apelidar «de sítio». O cerco foi muito custoso por causa das chuvas abundantes, pela falta de meios monetários e pelas reacções constantes e enérgicas dos sitiados. Em Novembro de 1343, um exército de socorro, composto por granadinos e benimerines, foi derrotado no combate do Rio PALMORES. A cidade ainda resistiu até à assinatura do tratado de paz entre CASTELA e os Mussulmanos, em 25 de Março de 1344. No dia seguinte, os sitiantes tomaram posse da praça e liquidaram, assim, a perigosa questão do ESTREITO. Alfonso XI morreria, como se disse atrás, em 27 Março de 1350, 6 anos depois, quando se propunha conquistar GIBRALTAR, o primeiro ponto de apoio mussulmano na PENÍNSULA.

Esta figura de Alfonso XI, que tão mal tratou a mulher, filha do nosso D. Afonso IV, que tantos desgostos deu a este, que tantas intrigas fomentou na própria CASTELA, pelo seu mau proceder, como tivemos ocasião de esboçar, no nosso anterior artigo sobre SALADO, veio a ser, afinal,

como militar, como chefe, como estratega mesmo, uma figura de grande relevo, comparável só com o seu sucessor Fernando III, o Santo, astucioso e hábil nas armas e na diplomacia ...

III — RECONQUISTA DE GRANADA

Isabel de CASTELA foi aclamada rainha por morte de seu irmão, Enrique IV (MADRID, 11 de Dezembro de 1474). Fernando de ARAGÃO, à data ausente e já casado com Isabel, desde 1469, não concordou com esta sucessão de seu cunhado Enrique, pois sempre considerou sua esposa como consorte e não rainha, e considerava-se sucessor ao trono de CASTELA, como o varão mais próximo do monarca falecido. Ameaçou mesmo separar-se de sua mulher e regressar a ARAGÃO, cujo trono já lhe pertencia anteriormente. Mas a intervenção oportuna do arcebispo de TOLEDO, D. Alonso de Carrilo e do bispo de SIGÜENZA, D. Pedro Gonzales de Mendoza, já cardeal e ainda do conselho de magnates e grandes da corte de CASTELA e certa condescendência da parte de Isabel, na repartição de títulos e de benesses, conseguiram chegar ao almejado acordo, conhecido na história por «Concórdia de SEGÓVIA», que se encontra arquivado em SIMANCAS.

Nele se acordou que todos os documentos reais e de chancelaria seriam redigidos sempre em nome dos dois reis, com as armas e firmas dos dois, e que a justiça seria administrada pelos dois, em conjunto, quando estivessem juntos no mesmo local, ou por cada um, igualmente, quando estivessem separados. Os selos reais deveriam ter as armas de CASTELA e de ARAGÃO reunidas e as moedas os bustos da ambos. De aí ficaram na história pelo cognome de os «Reis Católicos», pois governavam conjuntamente, e o seu reinado foi considerado um período aureo na história da ESPANHA, então considerada unificada.

Os negócios do tesouro — finanças e economia de então — ficaram a cargo da rainha, com certa preponderância,

em virtude da maior área e talvez riqueza dos seus anteriores territórios — CASTELA, LEÃO, ASTÚRIAS, GALIZA e OVIEDO; — contudo Fernando, às vezes, interveio na administração, apesar de os seus anteriores territórios — ARAGÃO, NAVARRA, VISCAYA e condado de BARCELONA, serem de menor área e riqueza.

Estavam destinados os Reis Católicos a serem os derradeiros artífices da Reconquista Cristã da PENÍNSULA, como vamos ver neste modesto e resumido estudo.

A associação da CASTELA e LEÃO, de Isabel com as soberanias já juntas de ARAGÃO e do Condado da CATALUNHA além das províncias do Noroeste, acima referidas e ainda da SICÍLIA de Fernando (este herdado de seu pai, Juan III) vem-se a dar verdadeiramente em Setembro de 1479, apesar dos diversos estados, nas suas relações internas e particulares terem conservado a sua autonomia. Na política internacional e também na acção militar interna houve, contudo, unidade de vistas, apesar de haver sempre uma certa supremacia de acção da parte de CASTELA. E foi em 6 de Novembro de 1479 que nasceu, em TOLEDO, Juana, que havia de ser a herdeira de ambas as coroas principais, após um fructuoso reinado de 43 anos, desde 1474 a 1517, durante o qual se realizou a conquista de GRANADA (1492), que eliminou a presença islâmica na EUROPA, o descobrimento (pelo menos oficial) da AMÉRICA (12 de Outubro do mesmo ano), a efectivação da unidade nacional da ESPANHA e as bases da sua grandeza futura.

*

Era, então, Emir de GRANADA, à morte de Enrique IV (1474), Abu-el-Hasan All, o Mulem Hacen dos Cronistas espanhóis e que acabava de assentar tréguas de 4 anos com esse soberano. Terminadas elas, Hasan enviou embaixadores a Isabel e Fernando, então em SEVILLA, sua corte preferida, para as renovar por 3 anos mais. Os reis res-

ponderam que breve mandariam um embaixador seu a GRANADA com as condições a estabelecer para o novo pacto. O que eles queriam era ganhar tempo ...

Pouco depois, novo embaixador levou estas condições e que eram, em súmula: que GRANADA continuasse a pagar o mesmo tributo que, até há pouco tempo, pagava a CASTELA. Hasan ficou furioso e replicou ao embaixador cristão, D. Juan de Vera, que *já lá ia o tempo em que os reis granadinos pagavam tributo e que, agora, ali não se cunhava moeda para esse fim, mas que só se fundiam alfanges e lanças para responder aos seus inimigos*» [1]. D. Juan de Vera retirou-se imediata e altivamente, mas, apesar do desafio do Mouro, Fernando e Isabel, preocupados com as lutas com PORTUGAL (Campanha de TORO), simularam indiferença e aceitaram, mesmo sem tributo, a trégua proposta. Fernando, contudo, furioso, teria exclamado: «*Yo arrancaré los granos a esa GRANADA, uno a uno*»!...

Aperar disso, foi Hasan o primeiro a romper violentamente a paz, que pedira, e o motivo foi o tapar a boca aos seus subditos, revoltados pelos seus amores escandalosos com Zoraya, escrava cristã, antes D. Isabel de Solis e pelo abandono da sua sultana, Aixa, e de seus filhos. Então para destrair o povo dessas suas leviandades e de outras malfeitorias, foi dar sùbitamente um golpe contra os Castelhanos. Saiu, de noite, da cidade, sua capital, e com um troço dos seus, no meio de uma noite tempestuosa, foi cair sobre o castelo de ZAHARA defendido por Gonzalo de Saavedra, com pequena guarnição e tomou-o de assalto, degolando a maior parte das mulheres e crianças (Dezembro de 1481, ou Janeiro de 1482?...).

Foi o primeiro acto hostil desta campanha, que chegou ao conhecimento dos Reis Católicos, em MEDINA DEL CAMPO, e que lhes causou grande desgosto. A fortaleza

---

[1] Idêntica resposta havia de dar, tempos depois, D. Afonso de Albuquerque aos enviados do Rei de ORMUZ.

tinha sido conquistada, 60 anos antes, por D. Fernando de Antequera. GRANADA celebrou esta vitória com grandes festas. Mas as crónicas mussulmanas coevas dizem também que um «santão» mussulmano, entrando na Alhambra, com lívido parecer pelos jejuns frequentes, exclamou, em altos brados, de lúgubre acento: «*¡ Ay de GRANADA! As ruínas de ZAHARA cairão sobre as nossas cabeças! Queira Allah que eu me engane, mas pressinto que o fim do Islan, em ESPANHA, está próximo!...*» Contudo, o Emir pouco caso fez destes vaticínios!...

Mas a vingança dos Cristãos não tardou: o «*assistente*» (Comandante civil e militar da época) de SEVILLA, D. Diego de Merlo e o *adiantado* (nosso «fronteiro») de ANDALUCIA, D. Pedro Enriquez, enviado pelo Marquês de CADIZ, reuniram ràpidamente e em segredo, algumas tropas, que concentraram em MARCHENA e a conselho do «capitan» Ortega del Prado, não intentaram retomar ZAHARA, mas proceder identicamente aos Mouros, tomando-lhes de surpresa, a rica vila fortificada de ALHAMA (a 40 Kms a S. W. de GRANADA), célebre já então pelas suas indústrias e pelas águas termais [1], frequentada pelos emires e considerada inexpugnável pelas suas defesas naturais.

Também, a altas horas da noite, irromperam os Castelhanos e acometeram contra a fortaleza, entraram-na, matando os guardas das portas e as atalaias, sendo a tomada da praça mais difícil, pois, mesmo as mulheres e as crianças dos eirados atiravam pedras e outros projecteis, sobre os atacantes, inclusivé azeite a ferver! Foi uma defesa heróica, desesperada! Por fim, os Castelhanos venceram, cometendo, à semelhança dos inimigos, horrorosa matança e reduzindo a triste cativeiro as sobreviventes. Os vencedores, uns 7

---

[1] Mesmo o topónimo ALHAMA significa «fonte termal» e de aí, a nossa ALFAMA, pela regra, passado o *h* em *f* e que tem a mesma significação. (David Lopes). É esta a melhor interpretação do nosso topónimo.

mil, dos quais 3000 ginetes, entregaram-se, depois, a uma espantosa pilhagem, recolhendo um riquíssimo despojo de tecidos de seda, de jóias, de ouro e prata e de objectos de arte de toda a espécie. A conquista realizou-se em 28 de Fevereiro de 1482.

Hasan voltou a cair em desgraça, entre os seus, por causa desta derrota, mas não se deu por vencido. Em menos de duas semanas, reuniu um poderoso exército e marchou a recuperar a infeliz vila. Mas, apesar dos furiosos ataques, que lhe assestou, das minas, com que tentou penetrar-lhe no interior e até tentar rendê-la pela fome e sêde, não conseguiu quebrar a resistência indomável dos seus defensores, capitaneados pelo heróico D. Rodrigo Ponce de Leon, Marquês de CADIZ, que obrou prodígios de valor e de habilidade militar, e com o que conseguiu ganhar tempo suficiente para que lhe acudissem tropas Castelhanas de socorro e obrigassem os Mouros a levantar o cerco.

Conduzia esta coluna de socorro, o Duque de MEDINA SIDONIA, antigo e tenaz, inimigo do Marquês de CADIZ! Como é o destino!... Afinal foi no sopé dos muros de ALHAMA, que os dois antigos inimigos, expulso o inimigo, se reconciliaram, se abraçaram e juraram perpétua amizade (29 de Março de 1482).

Durante algum tempo, várias tentativas do rei Mouro para recuperar as conquistas cristãs, não tiveram outro resultado senão uma campanha de estermínio e a destruição de povoações e culturas, um pouco por toda a ANDALUCIA, efectuada pelas tropas dos Reis Católicos.

As dissenções e ódios palacianos minavam a côrte de Hasan, exacerbadas pelos contínuos desaires militares, o que o levou até a mandar matar o seu filho mais velho; mas, em consequência, a sultana e o filho Zaquir (Boabdil, «el Chico» das crónicas espanholas) conseguiram fugir.

Mais tarde, os Abencerragens, escudados pelo descontentamento do povo, elegeram Emir a Boabdil e destronaram Hasan, que se viu forçado a refugiar-se em MÁLAGA.

Dividiu-se, assim, o reino de GRANADA em dois, sendo o do sul com capital nesta última cidade.

Fernando, ainda a seguir a estes sucessos, tentou conquistar LOJA, sem resultado, morrendo, nessa acção, o Mestre de CALATRAVA, D. Rodrigo Giron. Em Março de 1483, os cavaleiros que tinham ficado de guarnição às praças da ANDALUCIA, intentaram, por seu livre-arbítrio, atacar MÁLAGA. Meteram-se, para isso, pelas ásperas serranias da costa (S. de TOLOX-ABDALAGIS, etc), na região de AJARQUIA. Aí, Zagal, irmão mais novo de Hasan (já então bastante velho) armou-lhes uma emboscada e foi uma derrota tremenda dos Cristãos, salvando-se, a custo, apenas alguns chefes.

Então, os vários chefes Mouros caíram como um furacão sobre as vilas de MONTILLA, CABRA e outras, avançando até LUCENA, mal guarnecida, mas que se defendeu heròicamente e, mais tarde, socorrida. Assim, em alternâncias de vitórias e derrotas, se foi passando o tempo, tendo numa das acções sido aprisionado o próprio Boabdil. Isto fez com que fosse novamente reconhecido, como único Emir, o Hasan e mandasse pedir o resgate de Boabdil, para depois o liquidar!...

O Rei Fernando, contudo, não o fez e levou, com grandes honras Boabdil para CORDOBA, sua capital avançava de então — que habilidade, que diplomacia!... — e foi-o movendo contra seu pai, Hasan e, por fim, ganhou a sua amizade e, melhor do que isso, a sua vontade! Foi então assinado o chamado «Pacto de CORDOBA» (28 de Agosto de 1483) pelo qual o «Rei Chico» (Boabdil) se tornou, depois de liberto, tributário dos Reis Católicos, pagando-lhes anualmente 12 000 dobras de ouro, entregando prissioneiros cristãos e, como reféns: o seu filho e vários nobres, firmando tréguas por dois anos e declarando mais que desejaria passar por terras, em poder dos Cristãos, para ir combater seu pai Hasan; o que se fez levando-o à fronteira das terras cristãs, uma escolta de cavaleiros cristãos, com todas as honras!...

Seu pai, Hasan, furioso pela defecção do filho, declarou-lhe guerra, por o considerar um traidor e, então, estalou a guerra civil no seio do estado granadino. Era o que pretendia Fernando e que conseguiu com a sua consumada habilidade! Houve combates na própria cidade de GRANADA e até dentro da própria Alhambra, entre os partidários de Aixa, sua mãe e os do seu pai; espantosa matança nas ruas da cidade; os «xeques» e «alfaquis» bem peroravam entre os contentores, pedindo paz em nome de Allah e do seu Profeta, conseguindo, por fim e depois de grande e porfiada luta, que se estabelecesse um pacto, pelo qual o pai e o filho dividiam o reino em duas partes: Boabdil reinaria no ALBAICIN (parte alta), ALMERIA e comarcas próximas e Abu Hasan, na Alhambra e territórios até MALAGA.

Mas Hasan, já bastante velho, não podendo voltar-se novamente contra os Cristãos, nomeou o grande Chefe guerreirc, Hamet el-Zegri, para que, à frente dos *gomeles* sanguinários, desvastassem a ANDALUCIA cristã. Juntaram-se vários troços cristãos e, sob o comando do Marquês de CADIZ e de D. Luis Portocarrero, derrotaram completamente os Mouros, na batalha campal nas margens do LOPERA. O Chefe Zegri conseguiu, desta vez, escapar por um triz! (17 Setembro de 1483). Pouco depois, Portocarrero recuperou ZAHARA, há dois anos em poder dos Mussulmanos.

Seguidamente, D. Fernando, regressado do Norte, recomeçou as suas reconquistas: ALORA, SETENIL, CÁRTAMA, COIN, BENAMA, QUEZ, além de que vários troços cristãos, no tctal, segundo as crónicas, de uns 30 000 h. faziam «razzias» pelos territórios mouros, destruindo as colheitas, assolando campos e aldeias (Abril e Maio de 1485).

Sem perda de tempo, manifestando, sempre, uma actividade incessante e um alto poder de reflexão e de senso estratégico (absolutamente instintivo, que não de estudos ou preparação anterior que não havia...), Fernando, ao

mesmo tempo que simula um ataque a LOJA, com o grosso
das suas tropas, dirige-se sobre RONDA, que capitulou a
22 de Maio desse ano, saindo os habitantes, que tiveram
autorização para passarem a ÁFRICA, com armas e baga-
gens, isto para cativar as outras praças e para se tornar
mais simpático e facilitar as operações futuras! Que habi-
lidade de Chefe!...

Depois de vários sucessos, de parte a parte, e do próprio
Boabdil, el Chico, se ter passado, mais uma vez para os seus
correligionários, houve uma grande derrota moura na con-
quista de LOJA pelos Cristãos, em que ficou fora de com-
bate, gravemente ferido, o Zegri e em que os Mouros ti-
veram de capitular, firmando o Boabdil, novamente, um
pacto de Capitulação e de aliança.

Nestas negociações interveio já, mas muito novo ainda,
Gonzalo Fernandez de CORDOBA, que, mais tarde, havia de
ser cognominado «el Gran Capitan» e que ali se começou a
revelar pelo seu valor e pela sua audácia, no assalto à
cidade.

A capitulação do Alcazar e a entrega de reféns, dados
pelo Rei Chico, agora reduzido à condição de Duque de
GUADIX, depois do último pacto de vassalagem, (e já era
bem bom e prova de grande magnanimidade de Fer-
nando!...), efectuou-se em 20 de Maio de 1486. Ao sair,
Boabdil foi-se pôr de joelhos diante de Fernando e beijou-
-lhe a mão, ao que este o levantou e confortou, esquecendo
a traição anterior. Esta cena havia de se repetir, 6 anos mais
tarde, na rendição definitiva de GRANADA.

Pouco depois (Outubro de 1486) a guerra civil entre os
Mouros chegava ao seu máximo furor, inclinando-se cada
vez mais para o partido do Zagal, até que Boabdil teve de
pedir, outra vez, auxílio aos Cristãos, que mais uma vez res-
tabeleceram o precário equilíbrio.

A reconquista, contudo, lá continuava lenta, mas ine-
xoràvelmente. Fernando, depois de LOJA, põe sítio a MO-
CLIN e a outras praças. A rainha Isabel, com sua filha
Juana e seu séquito, esteve animando sucessivamente os

sitiantes, com a sua presença e folguedos em redor dos acampamentos dos sitiantes, tendo, com essa sua atitude, sucesso debaixo do ponto de vista moral, pois a guerra já ia durando muito e o sítio das praças tornava-se, por vezes monótono, no intervalo dos combates ...

Há, contudo, que atender que esta longuissima campanha da Conquista do Reino de GRANADA (durou quase 12 anos ...) teve certos períodos de calma e relativa inactividade, intervalados com acções alternadas, ou simultâneas, em vários locais e que eram intervaladas por concentrações e dissoluções destas hostes heterogéneas, que eram os exércitos da Idade Média, departe a parte. Não obstante, nesta campanha, dois factos de natureza táctica se vão notando: a preponderância, cada vez maior, da Infantaria, ainda heterogénea e mal armada, sobre a Cavalaria e o aparecimento e cada vez maior emprego da Artilharia, sobretudo de sítio, conforme se deu, em grande escala, nas tomadas de ALORA e de SETENIL, a que atrás nos referimos (Junho de 1484 e Maio de 85). As *«bombardas» de sítio* resolveram ràpidamente a tomada dessas praças, pois os Mouros não possuíam ainda artilharia eficiente.

Recordemos que, já em ALJUBARROTA (1385) os Castelhanos apresentaram alguns *trons*, ainda muito rudimentares, dos quais um rebentou, matando a guarnição e tendo sido, depois, postos de lado ... Mas é preciso notar-se que já tinham, nesta campanha de GRANADA, passado 99 anos, isto é, quase 1 século de aperfeiçoamentos e as oficinas das ASTURIAS e de VISCAYA não tinham estado inactivas ...

Entretanto, Fernando toma, entre outras terras: VELEZ e derrota, mais uma vez Zagal, que prefere perder a capital GRANADA a perder MALAGA. Mas Fernando, para conquistar MALAGA, precisa de VELEZ. Para esta operação, Fernando contava já com uma boa esquadra fornecida pela CATALUNHA e por ARAGÃO e com tropas bem armadas e equipadas.

Tinha dado resultado o pedido ao Papa Inocêncio VIII no sentido de auxílios material e apoio espiritual, considerando esta campanha uma verdadeira cruzada ocidental e permitindo que Fernando pudesse ter o dizimo das rendas eclesiásticas em favor da campanha. A defesa de MALAGA efectuada por Hamet e seus auxiliares foi formidável e durou mais de três meses, sempre com desesperada resistência, de nada valendo a artilharia, metralhando constantemente a praça, o bloqueio da esquadra e os vários assaltos dos sitiantes, aos quais respondiam terríveis sortidas dos sitiados. A Rainha Isabel fez várias visitas de conforto e de coragem aos sitiantes.

O Rei Fernando e a côrte ocuparam um acampamento em redor da praça, em forma de meia-lua, com os vértices apoiados na praia e na esquadra e fortemente guardado. Pois um «santon» Mouro, com uma centena de fanáticos, teve artes de sair da praça, penetrar no acampamento e acometer os Cristãos desprevenidos. É claro que ficaram lá todos degolados, mas o «santão» de joelhos orava e não combatia. Levaram-no preso para uma tenda e ele teve ainda artes de, rastejando, passar à tenda vizinha, que ele julgava ser a do Rei e apunhalar uma pessoa que julgava ser Fernando e que era, apenas, um fidalgo português, D. Álvaro Portugal, filho do Duque de Bragança, parente da Rainha D. Isabel, ao serviço dos Reis Católicos e que estava muito plàcidamente a jogar o xadrez com outro fidalgo! É espantoso, mas é contado nas crónicas!... E assim, à custa da morte de um fidalgo Português, escapou da morte Fernando-o-Católico!...

Mas uma coluna de socorro, enviada pelo Zagal a MALAGA, foi surpreendida no caminho de GUADIX pelo Boabdil, que a derrotou; entretanto a falta de viveres, esta última derrota, a perda do socorro e a pressão cada vez maior dos Castelhanos, levou ao desespero os habitantes da cidade, que se revoltaram, querendo obrigar Hamet a capitular. Este, como visse que toda a resistência era inútil, encerrou-se no castelo de GIBRALFARO, o mais poderoso

de quantos formavam a linha de defesa da cidade e entregou esta aos seus habitantes, que enviassem recado a Fernando, propondo a rendição, mas com a condição de os deixar residir como *«mudejares»*, ao que os Reis de CASTELA se negaram, exigindo a rendição incondicional. Assim se submeteu MALAGA em 18 de Agosto de 1487. Expulsos e cativos os habitantes, com ligeiras excepções, os Reis entraram na cidade e acompanhados pelo Cardeal Mendoza, fizeram consagrar a mesquita maior.

Hamet el Zegri, que resistiu heròicamente no castelo em que se encerrara, acabou por ser feito prisioneiro e, carregado de correntes, encerrado numa masmorra em CARMONA.

Como se acercasse o inverno, os Católicos, como de costume, suspenderam as operações (só as realizaram no verão e no outono, como regra) e dirigiram-se para ARAGÃO e VALÊNCIA. No ano seguinte (1488) Fernando tomou VERA, CUEVAS, CASTILLEJO e outras praças, ameaçando ALMERIA, no que foi rechassado pelo Zagal, que saiu ràpidamente de GUADIX a tomar-lhe o passo.

*

A campanha, durante 1489, que se prolongou até ao inverno, foi das mais extensas, conseguiu a rendição, primeiro do Zagal e, depois, preparou-se a de Boabdil e a total desarticulação do poder Mouro na PENÍNSULA.

Em princípios de Maio, Fernando, reuniu nada menos de 40 000 homens de pé e 13 000 de cavalo e marchou sobre BAZA que resistiu heròicamente e que não havia modo de se poder fazer render, a não ser com a acção de um renegado Mouro, de ascendência cristã, primo e cunhado do Zagal, mas em permanentes relações secretas com Fernando. Vendo que a luta não terminava, Isabel sai de JAEN, faz uma visita aos acampamentos dos sitiantes; para a receber condignamente armam-se palanques, organizam-se festas e justas e de parte a parte, há mostras de gentilezas,

até do lado sitiado, pois lhes serve de derivativo contemplarem, do alto das muralhas, os torneiros de armas e os de músicas e representações, fez-se um tácito armistício!... E é neste momento que o renegado Nayar consegue a traição, fornecendo os motivos para a rendição da praça, recebendo, então, os chefes Mouros ricos presentes e vastas somas em dinheiro, o que aceitaram de pronto, tudo isto preparado e minado pelo ódio a Boabdil, hàbilmente feito espalhar pelo sagaz e inteligentíssimo Rei Fernando! Não se sabe que mais admirar neste Chefe: se a sua indomável valentia e resistência física e moral se a sua consumada diplomacia e a astuciosa habilidade para estabelecer intrigas entre os chefes seus inimigos, ficando de fora, aparentando sempre boa pessoa e sempre em proveito da causa cristã!...

O ódio levantado contra o «Rei Chico» (Boabdil) a quem atribuíam a perda de BAZA fez com que Zagal fosse entregando, sob vassalagem, várias outras praças, com a intenção de, depois, combinar com os Reis Católicos, o melhor modo de castigar Boabdil, depois de bem desacreditado e odiado pelo seu povo andaluz. E chegou a pontos de traição de tal ordem que pôs à disposição dos Católicos «apenas» 4 milhões de maravedis de renda por ano e outras benesses em género!... Assim se renderam ALMERIA, GUADIX e outras terras menos importantes ...

Nesta altura e a quando do licenciamento das tropas no começo de 1490, só pràticamente restaram em poder efectivo de Boabdil, a cidade de GRANADA e poucas aldeias em redor; o resto do vasto reino podia-se considerar suzerano dos Católicos, mercê da traição e do ódio do Zagal. Pouco faltava para liquidação final do poder mussulmano, mas o óbice, nessa altura, era que o Rei Chico *ainda* era aliado dos Cristãos e o que estes careciam era um «casus belli», um motivo poderoso para romper essa aliança. Foi ele mesmo que o forneceu! Não pôde cumprir a promessa de renunciar ao «emirato», comtentando-se com o ficar apenas Duque e senhor de GUADIX. Mas, agora, que esta cidade estava nas mãos de Fernando e Isabel, estes ofereceram-lha

e pediram que cumprisse o prometido. Mas ele recusou, dizendo que os seus «xeques» e «alfaquis» o matariam e que o seu povo se revoltaria, em massa, se o fizesse. E disse-o cara-a-cara a Fernando! Em face desta atitude, este fez propalar pela população granadina o que o Chico prometera e que não queria cumprir: isto teve imediatamente como resultado, uma revolta medonha dos seus e o ultimato do povo: ou abdicava, ou declarava logo guerra aos Cristãos!

Ele optou pela segunda hipótese, temendo ser assassinado pelos seus súbditos e foi o que perdeu ... Estava encontrado o «casus belli», tão hàbilmente preparado! Fernando e Isabel, que tinham ido para SEVILLA, para assistirem ao casamento de sua filha, Isabel, com o príncipe Afonso, o infeliz herdeiro do trono português [1]. Sem perda de tempo, em meados de 1490, Fernando partiu, à frente de 30 000 homens e, em poucos dias, apresentou-se diante de GRANADA. Ali se lhe reuniram o Zagal e o Yahya, que agora representava o triste papel de Boabdil de outrora. Contra o que se poderia esperar, a resistência do Rei Chico foi, a princípio, valorosa e tenaz, e a campanha prolongou-se em cerco e sortidas, todo o ano de 1490, sem vantagem alguma de parte a parte. Houve, então, umas sublevações parciais em GUADIX, BAZA e até em ALMERIA, a que Fernando foi pondo termo, enviando destacamentos punitivos. Suspendeu, por fim, a campanha no outono, ficando pequenos troços em volta da cidade, ameaçando-a e em observação.

Em sortidas, correrias, assaltos, e pequenas operações de inverno, ali se cobriram de glória, alguns célebres capitães, entre os quais, chegaram até nós, pelas crónicas: Garcilaso de la Vega, Gonzalo de Cordoba e outros menos conhecidos, chegando um deles Perez del Pulgar a entrar à

---

[1] O príncipe morreu tràgicamente, como se sabe, numa corrida de cavalos, «ao paréo», na Ribeira de SANTARÉM, deixando mergulhados num desgosto quase mortal D. João II e a Rainha D. Leonor, seus Pais, e o trono sem herdeiro directo.

frente de uns 15 loucos, como ele, por uma das portas da cidade, pela calada da noite, chegar à porta da mesquita maior e espetar-lhe, com um punhal, um cartaz em pergaminho, com estas simples palavras, «AVÉ MARIA». Tiveram, é claro, de fugir, «a sete pés», pois foram surpreendidos por uma ronda, que passava e lá ficariam todos se «os seus corceis não tivessem azas»!... Parece incrível, mas esta aventura vem, também contada nos relatos mouros!... Loucuras, como estas, também os Mouros as praticaram em sentido contrário. Parece que outro maluco Mouro veio ao acampamento Cristão, pela calada da noite, e veio espetar numa das tendas o mesmo dístico cristão, (que alguns escritores chamam «el pendon del Avé Maria»), como sinal de profundo desprezo. Isto mostra bem de que têmpera eram os combatentes das duas religiões, naquele tempo, e que, afora frequentes traições, não se podem classificar senão de valorosas, até à temeridade!...

IV — **FASE FINAL DA RECONQUISTA**

Em Abril de 1491, voltou Fernando à frente da cidade, contra a qual concentrou 40 000 infantes e 10 000 ginetes, com a *absoluta* certeza de que esta seria a última campanha, isto é, a última fase, ou, pelo menos, a última tentativa. Isabel e seus filhos estacionavam em ALCALA la REAL, primeiro para garantirem o abastecimento do exército (função logística perfeitamente estabelecida, como hoje diríamos) e, só após ela bem montada, se lhe reuniriam. Fernando fez, como em MALAGA, levantar um vasto acampamento, rodeando a cidade, cujas tendas e outras barracas formavam uma verdadeira cidade. As operações tiveram, desta vez, por primeiro objectivo, privar os granadinos de víveres, talando-lhes os campos um combate campal, o de ZUBIA, ocasionado, segundo os cronistas, porque Isabel se adiantou até esta localidade, a poucos quilómetros da

cidade, para ver, dessa altura, os edifícios da Alhambra. Deram disso conta os sitiados e fizeram uma sortida, com o manifestar intento de a aprisionar, mas foram totalmente destroçados.

Mas não era só o objectivo da fome o intento de Fernando; ao passo que exercia um bloqueio intenso, que havia assaltos e sortidas, aqui e além, que, às vezes, tomavam o aspecto de torneiros, de justas cavalheirescas, emissários de ambas as partes, pela calada da noite, trocavam mensagens, compravam, a peso de ouro, vontades e ódios, de parte a parte, e *aí é que residiu a grande vitória de sagacidade e de tacto político e diplomático, de astúcia de «raposa velha» de Fernando*, em fazer convencer, por um lado, a Boabdil, que ele não tinha verdadeiramente como inimigos, os Cristãos, senão os seus correligionários de Zagal, e, a este e aos seus sequases, justamente o contrário e que o verdadeiro traidor era o Boabdil, quando a este mostrava a traição de Zagal! Com estes e outros secretos manejos, muita habilidade, emissários espertos e seguros, muito dinheiro, espalhado, de um lado e do outro, «às mãos cheias», ele foi comprando a vontade, o brio, a consciência de um e de outro, sobretudo dos xeques e alfaquis, as classes preponderantes e conselheiras dos chefes e preparando lenta mas firmemente o caminho para o delenlace final! Espantosa e maquiavélica habilidade!...

*

Dias depois da batalha, antes, combate de ZUBIA, houve um pavoroso incêndio no arraial Cristão e que começou justamente na tenda da rainha, por descuido de uma das suas aias. Os Mouros atribuíram-no a um ardil dos Castelhanos, que julgavam já fartos da guerra e com o propósito de levarem o Rei a acabá-la. Nada mais falso. Deu como resultado, a substituição, em poucas semanas, de todas as instalações de lona, tendas e barracas por construções de alvenaria, mesmo grosseiras e formando improvisadas casas

com telhados verdadeiros. O conjunto tomou, então, o nome de «Santa Fé», uma verdadeira cidade, já com aspecto defintivo. Mostrou-se, assim, de uma maneira iniludível, aos sitiados, a firme tenção de não levantar o cerco, antes da rendição total. E isto deu resultado a que a mourisma começasse a dar sinais de abatimento de ânimo. Logo Fernando, sabendo isto pela sua perfeitíssima espionagem, redobrou os seus esforços de intriga e de compra de vontades, cada vez com mais intensidade, de tal modo que em fins de Novembro desse ano (1491), as negociações secretas estavam tão adiantadas, *que só faltava torná-las públicas* — diz um cronista.

Agora um pequeno parentesis: pode julgar-se em desprimor de Fernando de ARAGÃO este proceder, mas não deve pensar-se assim: o seu objectivo principal, a par de acelerar a reconquista final dos últimos pontos de resistência Sarracena na PENÍNSULA, pretendia consegui-lo com a maior economia de vidas: pela intriga entre chefes desavindos, dissolutos, ávidos do poder e de baixo carácter e ainda mais baixo patriotismo, a arma por ele usada era a mais rendosa e, afinal, conseguiu os seus fins com enorme poupança de vidas, o que não aconteceria se se tivesse dado o assalto formal à praça. Pelo menos é a nossa opinião e parece-nos estarmos dentro da razão ...

*

Reuniu então o Rei Chico o seu Conselho, perante o qual o seu «visir», Abd al-Malik expôs o desperado da situação por falta de viveres e pela impossibilidade de os obter, não só das terras vizinhas e muito menos de ÁFRICA, interseptadas, como estavam, todas as comunicações com a cidade. Havia, pois, que se pensar em capitulação, pois não havia outra solução. Conformou-se o Conselho com este ponto de vista e al-Malik foi autorizado a proceder às respectivas negociações. Só se tratava, então, de dar uma simples fórmula ao tratado, pois que os acordos, a bem dizer,

estavam feitos já de antemão. Em 25 Novembro, al-Malik e Hernando de ZAFRA, em nome dos respectivos soberanos, firmaram o pacto de capitulação, cujas principais cláusulas foram as seguintes:

1 — *Boabdil, seus alcaides, cadis, alfaquis, alguacis, moftis, anciãos e homens honrados e comunidade de GRANADA, faziam entrega aos Reis de CASTELA, da Alhambra, o Albaicin e todas as portas, fortalezas e torres da cidade, no prazo de 60 dias a contar da presente data;*

2 — *Os Reis garantiriam aos Mouros de GRANADA e das ALPUJARRAS* [1]*, as suas vidas e fazendas, respeitariam as suas mesquitas e deixariam livre prática da sua religião;*

3 — *Os Mouros continuariam a ser julgados pelas leis e pelos juizes, ou cadis próprios; contudo estariam sujeitos a um governador geral cristão;*

4 — *Teriam o livre uso da sua língua e dos seus trajes e não se lhes oporiam aos seus costumes;*

5 — *A sua instrução seria sempre proporcionada pelos seus doutores e alfaquis, sem qualquer intromissão dos cristãos;*

6 — *Nunca poderiam ser obrigados a qualquer sinal ou distintivo nos seus vestuários, como indicativo de raça;*

7 — *Não se lhes imporiam tributos por três anos e, depois, deste prazo, não pagariam senão os mesmos que aos seus antigos soberanos mouros;*

---

[1] Povoações rurais e suas hortas e pomares nos suburbios da cidade e de que pretendiam formar uma espécie de «mouraria».

8 — *Haveria troca de cativos entre Cristãos e Mouros; estes últimos não seriam obrigados a restituir as presas de guerra;*

9 — *Haveria liberdade de comércio com os Mussulmanos de ÁFRICA;*

10 — *Os que quisessem emigrar para o outro lado do ESTREITO, poderiam fazê-lo sem qualquer impedimento, vendendo os seus bens em ESPANHA e obrigando-se os Reis a ministrar-lhes, para esse fim, as embarcações e passagens, durante três anos;*

11 — *Nenhum cavaleiro, nem alcaide, nem servo do Rei, que foi de GUADIX, (isto é, Zagal) poderia evercer cargo de governo, nem comando de forças sobre os Mouros, nem, tão pouco, o poderia ser qualquer judeu.*

Para garantia da entrega de Alhambra e das fortalezas, na véspera deste acto, Boabdil entregaria aos Reis Católicos, 500 pessoas de famílias nobres, como reféns, por 10 dias, ao cabo dos quais seriam restituídas.

Além deste convênio público, outro houve de carácter mais ou menos secreto, em que se reconhecia a Boabdil e seus parentes mais próximos, certas propriedades e senhorio das terras das ALPUJARRAS e m várias vilas e aldeias, certos benefícios e rendas *e até a soma de 30 000 castelhanos de ouro* (soma importante para a época) *que seriam entregues ao Rei Chico no próprio dia da entrega da Alhambra.* Calcule-se o que foi preciso para demover a teimosia da Moirama, sobretudo dos conselheiros; para o convencerem e que estavam, nessa altura, ávidos de dinheiro! Aqui deu-se o contrário do costume: não foi o vencido que teve de pagar indemnizações mas, sim, o vencedor para mais rápida e fàcilmente conseguir o objectivo ...

Suspeitando das idas e vindas, pela calada da noite, dos negociadores, a população da cidade e arredores, acabou

por se revoltar e, em número de uns 20 000 homens armados cercaram a cidadela de Alhambra, onde Boabdil e seus servidores estavam encerrados, acoimando-o de traidor. O caso esteve muito grave e Fernando e Isabel tiveram de enviar uma «proclamação-ultimato» aos cadis, ulemas, alfaquis e anciãos, declarando-lhes, mais uma vez e peremptòriamente, que estavam dispostos a fazer render a cidade pela fome e pela sede, se não se rendessem e, como contrapartida, oferecendo-lhes boas condições, mais benesses e compensações, se se rendessem no prazo de vinte dias. E ameaçavam-nos de que, se recusassem, que sofreriam o mesmo duro tratamento que tinham inflingido a MALAGA. A intervenção de um dos alfaquis permitiu que o próprio Boabdil pudesse arengar às massas e como a carência de alimentos era cada vez maior, «que não havia outro remédio senão entregarem-se». Como, porém, se não sentisse seguro e ainda temesse nova explosão da ira popular, escreveu secretamente a Fernando, pedindo-lhe para encurtar o prazo da rendição dos 20 dias.

Como consequência destas últimas tentativas desesperadas do Rei Chico, a 2 de Janeiro de 1492, vinte e quatro dias antes de expirar o prazo estabelecido primeiramente, os Reis Católicos fizeram a sua entrada solene em GRANADA, saindo ao caminho a recebê-los, Boabdil, que fez entrega simbólica das chaves da cidade, dizendo, de joelho em terra:

> — «Estas son, señor, rey poderoso y exaltado, las llaves de este paraiso. Recibe esta ciudad, pues asi es la volutad de Dios.» —

e entregando o selo real ao novo alcaide, Conde de TENDILLA:

> — «Con este sello se gobernó GRANADA; tomadlo para que lo gobernéis y Dios os haja más ventura que a mi» —

Então o «Príncipe Mouro» — designação que teria de futuro — retirou-se com a família e servidores próximos para as propriedades e possessões que lhe tinham sido designadas e de que ainda ficaria senhor, debaixo da suzerania, mas também devido à munificência e à bondade dos Reis de CASTELA e ARAGÃO.

«A Cruz de prata que Fernando levava como símbolo de Cruzada, bem como as bandeiras de CASTELA e de SANTIAGO, proclamaram imediatamente a grande vitória do alto das avermelhadas torres da Alhambra.

«A emoção geral foi inenarrável, como é fácil de compreender. Quando o clero entoou um solene Te-Deum, em acção de graças, todo o exército em redor e circunstantes Cristãos caíram espontâneamente de joelhos!»

«O Conde de TENDILLA foi nomeado governador, como dissemos e Fr. Hernando de TALAVERA designado como bispo. Assim acabou a campanha de GRANADA, que havia durado 10 anos e a reconquista Cristã da ESPANHA, que necessitou nada menos de 780 anos...»

«O Islamismo em ESPANHA terminara! O regozijo em CASTELA e ARAGÃO, sobretudo, foi imenso, e não menos as consequências deste grande acontecimento em toda a cristandade, que considerou a tomada de GRANADA como um desquite e uma réplica à de CONSTANTINOPLA pelos Turcos (1453) e que haveria de ser o final da Idade Média».

(Gran Historia General de los Pueblos Hispanos)

*

Que destino futuro tiveram Zagal e Boabdil? Zagal, para se aliar a Fernando e Isabel contra o sobrinho, vendeu aos Reis Cristãos todas as suas propriedades e bens por 5 milhões de maravenis, enorme soma para a época e partiu para o Norte de ÁFRICA com os seus. Depois, o Rei de FEZ, Benimerin, despojou-o de todos os seus restantes

bens, fez-lhe queimar os olhos (!) e reduziu-o à condição de mendigo cego, acusando-o de ter atraiçoado Boabdil!...

Quanto a este, estabeleceu-se, primeiro, nas suas propriedades, nas ALPUJARRAS, onde levou vida tranquila, mas Fernando, que sempre desconfiou dele, propôs-lhe que lhe restituisse as suas propriedades e que também emigrasse para ÁFRICA, dando-lhe como compensação uma forte soma de dinheiro. E assim se fez, tendo sido recebido, muito bem pelo Rei de FEZ (que sempre esteve do seu lado); construiu ali um palácio, réplica da Alhambra, e morreu muitos anos mais tarde, segundo alguns autores mouros, combatendo pela sua nova pátria.

E assim foi o fim dos dois chefes derradeiros do Islamismo peninsular. Mas todos os Mouros que se trasladaram à ÁFRICA, no dizer dos seus cronistas, viveram sempre, em perpétua nostalgia da sua pátria perdida, da sua bela e querida ANDALUCIA!...

E assim acabou, para todo o sempre, a dominação Sarracena na PENÍNSULA HISPANICA, que durara precisamente 781 anos incompletos desde que, em 711, Tarik ali desembarcara no GALPE ...

V — CONCLUSÕES E COMENTÁRIOS

Pode-se ficar decessionado com o processo da rendição final de GRANADA, pois era de esperar um cerco, seguido de assaltos furiosos e da tomada por uma série de escaladas, como sucedeu, na Idade Média com outras praças, por exemplo, com SANTARÉM.

Mas eu não sou dessa opinião; acho que a manobra de Fernando e Isabel foi ainda mais brilhante, se bem que não espectacular, como já atrás foi dito: eles, com a sua astúcia, a sua habilidade diplomática, a sua subtileza em estabelecer a intriga, a desconfiança, a rivalidade, a desunião e a desordem entre os partidos inimigos, conseguiram brilhantemente e com enorme poupança de vidas de parte a parte,

o seu objectivo. E isto é tanto mais de admirar se atendermos a que, na Idade Média, geralmente não eram estes métodos os empregados e quando não fosse uma praça tomada de assalto, à viva força, não honrava quem comandasse a força disso encarregada. O seu maquiavelismo suplantou, em muito, todo o arrojo, interpidez e sacrifícios sem conta, que teriam sido necessários para tomar a praça de assalto, mesmo com o apertado cerco que lhe impuzeram e cerceando-lhes, ao máximo, os mantimentos e recursos, Nem sempre as mais brilhantes vitórias se alcançam no fragor das batalhas e no arrojo e interpidez dos lances heróicos! Também, pela intriga entre os inimigos, pela habilidade, pela astúcia!... E não menos brilhantes, às vezes!...

*

É tempo de fazermos, agora, uma síntese do que foi verdadeiramente esta tenaz Campanha da Reconquista Cristã da PENÍNSULA, uma das mais notáveis campanhas da EUROPA, na Idade Média e que durou, como dissemos 781 anos incompletos.

Comentando as críticas de certos escritores que tentam denegrir o valor dos Cristãos da PENÍNSULA, por terem levado sete séculos a reconquistá-la aos Infiéis, o grande escritor espanhol, o general Kindelán, comenta na sua obra «EUROPA, su forja en cien batalhas» [1]: «*Meditese en como todas las grandes batalhas ganadas por los españoles en la Cruzada de casi ocho siglos las ganaron en condiciones de marcada inferioridad numérica; era que la fe en la propia causa y la Voluntad de vencer suplian al número...*»

O mesmo distinto autor faz uma síntese da Reconquista, marcando as principais datas marcantes das acções que se deram e que por vezes mudaram o curso dos aconte-

---

[1] General Kindelán — «Europa, su forja en cien batallas», Madrid, 1952 — Ed. do autor, livro admirável de História Militar.

cimentos e de que nos permitimos, sob vénia, fazer aqui uma transcrição: A seguir às batalhas de CHRYSSUS e de CANGAS (711 e 718) [2]:

— Batalha de CLAVIJO	ano	860
— » » VALDEJUNQUERA	»	920
— » » SIMANCAS	»	1002
— Tomada » TOLEDO	»	1085
— Invasão Almorávide	»	1086
— Batalha de ZALACA	»	1086
— Acção de El Cid en VALENCIA	»	1091
— Batalha de FRAGA	»	1034
— Tomada de ALMERIA	»	1047
— Tomada de CUENCA	»	1077
— Batalha de ALARCOS	»	1196 [1]
— » » NAVAS	»	1214 [1]
— Tomada » SEVILLA	»	1248
— Invasão Benimerine	»	1285
— Tomada de TARIFA	»	1292
— Batalha do SALADO	»	1340 [1]
— Tomada de GRANADA	»	1492 [1]

De todas estas acções apenas as mais notáveis e daquelas que conseguimos obter detalhes descritivos suficientes, é que descrevemos na série de artigos agora com este terminada, mas estamos certos de que foram essas as que, mais salientemente, marcaram as etapas fundamentais desta longa campanha, que não só teve uma repercussão em toda a EUROPA da Idade Média, como até transformou radicalmente a estrutura política, religiosa e cultural da PENÍNSULA IBÉRICA, com repercuções imediatas no

[2] Aconselha-se o leitor a seguir esta progressão por uma boa carta.

[1] Além de CHRYSSUS e CANGAS, estas acções foram descritas em artigos anteriores desta Revista.

nosso País, desde pròpriamente a sua fundação, até à liquidação do domínio sarraceno entre nós, muito mais cedo (D. Afonso III), mas até ao início do Período Aureo, que coincide, aproximadamente, com o reinado dos Reis Católicos na Nação vizinha.

E a conclusão desta campanha e os benefícios que a cultura islâmica trouxeram à PENÍNSULA, acarretaram também, os mesmos benefícios a PORTUGAL, que apesar de liberto há mais tempo da influência islâmica, não deixou de lucrar com o socego e prosperidade da vizinha ESPANHA, de pronto empenhada também, como nós, na senda dos Descobrimentos e da Evangelização, a que o Tratado de TORDESILLAS pôs uma norma regular de actuação, por divisão prévia de zonas de influência, com proveito manifesto para as duas Nações.

APÊNDICE

GONZALO FERNANDEZ DE CORDOBA «EL GRAN CAPITAN» (1453-1515)

Sobre este grande vulto histórico, que alguns autores apontam como o grande auxiliar (guerreiro) de Fernando na tomada de GRANADA, permitimo-nos, sob vénia, transcrever o seguinte da História Monumental de ESPANHA, a pág. 312/313 sob o retrato do célebre capitão.

> — «A estrela do que por haver revolucionado a táctica militar, impondo a eficácia da Infantaria sobre a Cavalaria, e que mereceu o qualificativo de «primeiro general moderno», alcançou o zenite da fama na celebérrima batalha de CERIÑOLA, em ITÁLIA (28 de Abril de 1503), uma das mais brilhantes ope-perações de todos os tempos. «Este grande êxito contribuiu para a conquista de NAPOLES e para a glória e proveito do Rei Fernando.» —

Portanto, ele debutou militarmente em GRANADA, como vimos, nas negociações secretas empreendidas por Fernando, para abreviar a sua rendição, mas começou a evidenciar-se em bravura, como combatente, em ITÁLIA, sendo o apogeu da sua glória a batalha acima referida e que foi considerada a das mais admiráveis acções militares de todos os tempos.

Não é verdadeira, por conseguinte, a lenda de que foi ele um precioso auxiliar de Fernando, em GRANADA, mas, depois, em ESPANHA, começou a ser notado pela sua audácia, arrojo e golpe de vista táctico no cerco de LOJA (1486), também anteriormente por nós citado, e não em GRANADA, onde era ainda um novato. Isto, de forma alguma, a nosso ver, lhe tira uma simples parcela da sua glória e pode enfileirar a par dos heróis lendários: do Cid el Campeador, de Nuno Álvares Pereira, de Geraldo Geraldes, o Sem-Pavor, de Albuquerque ...